

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Martina Filjak piano

18 out 2024 - 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS

El Corte Inglés



Entrevista a Martina Filjak

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Maurice Ravel

Alborada del gracioso (1905, orq.1918; c.7min)

Valses nobles et sentimentales (1911, orq.1912; c.16min)

1. Modéré — très franc —
2. Assez lent — avec une expression intense —
3. Modéré —
4. Assez animé —
5. Presque lent — dans un sentiment intime —
6. Assez vif —
7. Moins vif —
8. Epilogue (Lent)

Concerto para piano e orquestra em Sol maior (1931; c.23min)

1. Allegramente
2. Adagio assai
3. Presto

2ª PARTE

Maurice Ravel

Pavane pour une infante défunte (1899, orq.1910; c.6min)

La Valse, poema coreográfico para orquestra (1920; c.12min)

HOMENAGEM A PEDRO DE FREITAS BRANCO (1896-1963)

Maurice Ravel

CIBOURE, 1875 – PARIS, 1937

O Concerto em Sol maior é a obra que mais evidentemente une os nomes de Maurice Ravel e Pedro de Freitas Branco. No início da década de 30 do século passado, o compositor francês teve a oportunidade de assistir a um concerto do maestro português em Bilbau, onde ficou impressionado pela sua forma de dirigir. Poucos meses depois, Freitas Branco já estava a apresentar música orquestral de Ravel em várias cidades europeias. Participou, de facto, no concerto em que esta obra foi estreada, em janeiro de 1932, mas quem chefiou a orquestra nessa ocasião foi o próprio compositor. Freitas Branco assumiu a batuta na segunda parte daquele programa monográfico dedicado a Ravel. Poucos meses mais tarde, dirigiu também a sessão de gravação do Concerto em Sol. Segundo Cesário Costa refere na sua tese de doutoramento, esta gravação representou um marco na história da fonografia, já que não era então habitual que passassem apenas alguns meses entre a primeira audição de uma partitura e a sua gravação em disco. De acordo com o testemunho do então diretor artístico da editora Columbia (recolhido na mesma tese), o motivo pelo qual Freitas Branco assumiu a direção da orquestra terá sido a incapacidade técnica de Ravel. Com Marguerite Long — a mesma pianista que havia estreado a obra — como solista e uma seleção dos melhores músicos de Paris nas estantes, a gravação obteve um assinalável sucesso da crítica, sendo também elogiada pela sua qualidade.

Este foi, em resumo, o início de uma considerável trajetória “raveliana” de Pedro de Freitas Branco que, enquanto o compositor francês viveu, foi correspondida com enorme admiração e afeto da sua parte. Assim, o pianista

de origem lituana Vlado Perlemuter (um dos maiores especialistas no repertório de Ravel) afirmou numa entrevista publicada na revista *Arte Musical* que Freitas Branco era um dos músicos que melhor soubera interpretar o pensamento musical de Ravel e que o compositor o considerava um dos seus melhores intérpretes. Por conseguinte, programar um concerto monográfico dedicado a Ravel como forma de homenagear o maestro português é uma decisão particularmente acertada, que corresponde a uma prática habitual na vida do compositor — como vimos no que respeita à estreia do Concerto em Sol — e que recorda o profundo vínculo artístico que uniu ambos, mesmo após o falecimento do músico francês.

Uma das características comuns a três das partituras incluídas neste programa é a sua dupla faceta como obras originalmente escritas para piano que foram posteriormente orquestradas. Assim, *Alborada del gracioso* é uma peça que pertence a *Miroirs*, um conjunto de cinco peças para piano compostas por Maurice Ravel entre 1904 e 1905. *A Pavane pour une infante défunte* data de 1899 e as *Valses nobles et sentimentales* foram escritas em 1911. A primeira evoca uma figura cómica do teatro clássico espanhol, envolvida numa cena galante ao amanhecer. Esta temática espanhola liga-se ao pendor enérgico da peça, na qual se imitam as cordas de uma guitarra. O original apresenta uma textura densa e tecnicamente exigente, utilizando recursos como rápidos arpejos, acordes dissonantes e um vasto leque dinâmico, que requerem uma execução precisa e ágil. As rápidas escalas e os acordes *staccato*, juntamente com o uso de contrastes dinâmicos, são fundamentais para dar vida ao carácter animado e teatral da peça. Na versão orquestrada, de 1918, Ravel utiliza uma paleta instrumental muito mais rica. A percussão, os sopros e as

cordas combinam-se para amplificar a atmosfera espanhola. Por exemplo, os *pizzicatos* das cordas evocam o rasgueado das guitarras, e a percussão (castanholas, tambores) reforça o ritmo da dança, dotando a peça de maior vitalidade e cor. Os instrumentos de sopro permitem que os timbres sejam mais variados, com solos destacáveis em instrumentos como o fagote e o trompete, que acrescentam um toque de humor e uma riqueza harmónica impossível de alcançar apenas com o piano. De facto, a versão orquestral tende a soar mais variada e rica em matizes de cor do que o original para piano, conferindo-lhe uma dimensão teatral, quase balética, mais acentuada.

No que diz respeito às *Valses nobles et sentimentales*, na sua partitura orquestral, de 1912, Ravel expande a paleta tímbrica, permitindo que as cordas e os sopros dialoguem de forma muito mais complexa do que no original para piano. Cada instrumento contribui para criar uma atmosfera mais rica, ampliando os contrastes entre os diferentes números e aprofundando a sensação de “nobreza” ou “sentimentalismo”, consoante o movimento. As cordas encarregam-se geralmente das passagens mais melódicas, enquanto os sopros trazem matizes brincalhões ou melancólicos, conseguindo um som mais pleno e redondo do que é possível com o piano. Em contrapartida, a peça pianística apresenta uma imagem sonora que poderíamos qualificar como mais moderna e angulosa, enquanto na versão orquestral as secções se sucedem de forma mais fluída. As dissonâncias, que são muito evidentes no piano, suavizam-se na orquestra, como resultado da distribuição da harmonia pelas diferentes famílias de instrumentos.

Em terceiro lugar, a *Pavane pour une infante défunte* é uma peça lenta e cerimoniosa que ganha em lirismo e perde em solenidade na

versão para orquestra. O original para piano tem uma harmonia clara e simples, com acordes abertos que evocam uma sensação de pureza e serenidade, enquanto a sensação rítmica é de estatismo. Na transferência para a orquestra, a harmonia torna-se mais rica graças à distribuição dos acordes entre as cordas e os sopros. A harpa, em particular, acrescenta um toque de luminosidade que reforça o carácter nostálgico da obra.

Embora também possa ser ouvida em variantes pianísticas, *La Valse* foi concebida originalmente como um poema coreográfico para orquestra. Estreou-se em concerto pela Orquestra Lamoureux, em 1920, e foi transformada num espetáculo de dança pela companhia de Ida Rubinstein, com coreografia de Bronislava Nijinska, a irmã mais nova do lendário bailarino Vaslav Nijinski. Um tanto obscurecida pela enorme fama do seu irmão, Nijinska teve, no entanto, uma influência notável no desenvolvimento do bailado contemporâneo. Nas palavras do próprio Ravel, trata-se de uma obra trágica no sentido grego: “(...) é o rodopio fatal, é a expressão da vertigem e da voluptuosidade da dança que conduz ao paroxismo final”. A partitura é um exemplo magistral da capacidade de Ravel para manobrar a orquestra. De acordo com a sua ideia da obra, utiliza a orquestra para criar uma atmosfera ominosa e quase apocalíptica. Os instrumentos de cordas e os sopros de madeira encarregam-se das partes melódicas, enquanto a percussão e os metais constroem uma sensação crescente de caos e fatalidade. A energia cresce ao longo da peça até ao clímax final, onde a valsa se desmorona numa espécie de colapso sonoro.

O *Concerto em Sol*, por último, é uma obra que combina uma forma rigorosa com uma abordagem inovadora da orquestração e do ritmo, representando uma das realizações mais

notáveis de Ravel no campo da música concertante. Do ponto de vista da instrumentação e do equilíbrio entre solista e grupo orquestral, concebe-se como uma obra “para orquestra”, em que o piano é o “instrumento principal”, mas não propriamente um solista destacado. Este tratamento reflete o interesse de Ravel em criar uma textura orquestral mais integrada, onde o diálogo entre pianista e orquestra flui de forma orgânica. Na altura da sua composição e estreia, o compositor encontrava-se no auge da fama, pelo que contamos com um considerável número de declarações na imprensa a propósito desta obra. É assim recorrente a ideia de que se trata de um “divertimento”, descrito pelo próprio Ravel de forma muito simples: “(...) a um Allegro inicial, de marcado classicismo, segue-se um Adagio no qual quis prestar uma homenagem particular à *escolástica* [em cursiva no original] e esforcei-me para escrevê-lo o melhor possível; para terminar, um andamento vivo em forma de Rondo, igualmente concebido a partir das tradições mais imutáveis”. Responde a um ideal de simplicidade e de hedonismo que Ravel encontrava só em Mozart e, parcialmente, em Saint-Saëns. O Concerto é, portanto, apresentado pelo seu autor como uma obra ligeira, brilhante, que apenas pretendia divertir. Porém, o segundo andamento é notável pela sua longa e envolvente linha melódica, onde o piano parece “cantar” com uma expressividade contida, evocando uma serenidade e uma delicadeza raramente escutadas em outras obras do género. Esta simplicidade aparente contrasta de maneira eficaz com os momentos mais rítmicos e vibrantes dos andamentos externos, especialmente o último, onde o uso de ritmos sincopados e influências jazzísticas confere à obra uma energia dinâmica e moderna.

TERESA CASCUDO, 2024

Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2024/25 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram gravadas e editadas pela Dabringhaus

& Grimm, recebendo vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Martina Filjak piano

Uma das mais entusiasmantes artistas a emergir nos últimos anos, Martina Filjak tem recebido reconhecimento internacional pela paixão poética e domínio técnico ao piano, bem como pela sua personalidade carismática e presença magnética em palco.

Filjak destacou-se ao ganhar a Medalha de Ouro, o 1.º prémio e o Prémio Beethoven no Concurso Internacional de Piano de Cleveland, em 2009, o que a levou a realizar vários concertos nos Estados Unidos da América e fora do país. Ainda antes, tinha sido a vencedora dos prémios Maria Canals (Barcelona) e Viotti (Vercelli), e foi laureada no Prémio de Piano Busoni.

Nos anos mais recentes, tem tocado com formações de renome como a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica de San Diego, a Orquestra da Florida, a Filarmónica de Estrasburgo, as sinfónicas de Barcelona e Bilbao, a Sinfónica de Granada, a Filarmónica da Rádio Alemã, a Staatskapelle Weimar, a Orquestra de Câmara de Israel e a Sinfónica de Nancy. Foi ouvida nalgumas das principais salas de concerto: Concertgebouw de Amesterdão, Konzerthaus de Berlim, Auditori e Palau de la Música Catalana em Barcelona, Zankel Hall (do Carnegie Hall) em Nova Iorque, Jordan Hall em Boston, Teatro San Carlo em Nápoles, Sala Verdi em Milão, Salle Gaveau de Paris, Musikverein e Konzerthaus de Viena, NDR Hall de Hanôver, Elbphilharmonie de Hamburgo, Residenz de Munique e Auditório Nacional de Madrid.

Martina Filjak trabalhou com reconhecidos maestros, entre eles Michael Schønwandt, Heinrich Schiff, JoAnn Falletta, Stanislav Kochanovsky, Marcus Bosch, Alexander Shelley, Hans Graf, Markus Poschner, Sebastian Lang-Lessing, Manuel Hernández Silva, Josep

Caballé-Domenech, Carlos Miguel Preto, Ivan Repusic, Paul Goodwin e Pascal Rophé.

O vasto repertório da artista vai de Bach a Berio, e congrega mais de 30 concertos para piano e orquestra. Dedicar-se a explorar a literatura para o instrumento e os vários formatos de concerto. Tocar como solista com orquestra ocupa grande parte do seu tempo, e afirma retirar grande prazer da interação e da troca de energia quando está com tantos músicos em palco.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rãsonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
José Despujols
Jorman Torres
Ianina Khmelik
Andras Burai
Alan Guimarães
Emília Vanguelova
Raquel Santos*
José Pedro Rocha*
Ana Isabel Malheiro*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Pedro Rocha
Karolina Andrzejczak
Catarina Martins
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Diogo Coelho*
Inês Cruz*

Viola

Mateusz Stasto
Isabel Pereira*
Hazel Veitch
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Rute Azevedo
Emília Alves
Rita Carreiras*
Teresa Fleming*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Tiago Mendes*
Sharon Kinder

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Sousa
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Ricardo Pereira*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*
Jaime Pereira*
André Castro*

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*

Celesta

Jonathan Ayerst*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Palco**

Amaro Machado
Carlos Almeida
José Torres

Próximos concertos

18.10 SEXTA 22:30 SALA 2

Eduardo Cardinho – Not Far From Paradise
Flat Earth Society

outono em jazz

19.10 SÁBADO 21:00 SALA 2

Trespass Trio com Susana Santos Silva
João Barradas – Aperture, com participação de David Binney

outono em jazz

20.10 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

La Valse

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Concerto comentado por **Daniel Moreira**

Obras de **Maurice Ravel**

20.10 DOMINGO 21:00 SALA 2

Cristóvão Bastos, Jorge Helder e Ricardo Silveira
Chico Pinheiro Quarteto

outono em jazz

22.10 TERÇA 19:30 SALA 2

Vera Morais e Hristo Goleminov

prémio novos talentos Ageas

22.10 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

José James

promotor: Uguru

23.10 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Stacey Kent & Danilo Caymmi – Um Tom sobre Jobim

promotor: Brisacústica

23.10 QUARTA 21:00 SALA 2

Future Jazz

serviço educativo | os nossos concertos

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

